

**UNICEUB – FACE – LETRAS**  
**Disciplina: Monografia – 8º Semestre**  
**Orientador: Ana Luiza Montalvão Maia**

**NOS SERTÕES DE EUCLIDES DA CUNHA ONDE O  
REFERENCIAL E POÉTICO SE CONFUNDEM**

**CAROLINE MOREIRA BORBA**  
**BRASÍLIA, JUNHO DE 2003**

**UNICEUB – FACE – LETRAS**  
**Disciplina: Monografia – 8º Semestre**  
**Orientador: Ana Luiza Montalvão Maia**

**NOS SERTÕES DE EUCLIDES DA CUNHA ONDE O  
REFERENCIAL E POÉTICO SE CONFUNDEM**

**CAROLINE MOREIRA BORBA**  
**BRASÍLIA, JUNHO DE 2003**

### **Dedicatória**

**Dedico este trabalho aos meus pais, pelo carinho e esforço dedicados por toda minha vida; ao meu companheiro de todas as horas, por estar ao meu lado nesses oito anos e também aos meus irmãos pela ajuda nos momentos em que mais precisei.**

### **Agradecimentos**

**Agradeço em primeiro lugar a Deus, por cuidar de cada passo dado em minha vida; à professora Ana Luiza Montalvão Maia orientadora desta monografia, pela dedicação e atenção; a meu chefe João Carlos por contribuir para meu crescimento profissional e pessoal; e a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para realização deste trabalho.**

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	<b>6</b>
<b>Capítulo 1: O Discurso e Funcionamento da Língua</b> .....	<b>7</b>
<b>Capítulo 2: A Guerra de Canudos e o Fenômeno Euclides da Cunha</b> ----	<b>12</b>
<b>Capítulo 3: A fusão do Discurso Jornalístico com o Discurso poético na Obra “Os Sertões”</b> .....	<b>18</b>
<b>Conclusão</b> .....	<b>25</b>
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	<b>26</b>

## INTRODUÇÃO

A temática abordada na monografia trata da fusão do discurso jornalístico com o discurso poético na obra “Os Sertões” de Euclides da Cunha, obra, escolhida como objeto de estudo deste trabalho.

Os recursos metodológicos utilizados foram a pesquisa bibliográfica, que é desenvolvida com base em material já elaborado, constituída principalmente de livros e artigos científicos cujo objetivo foi de dar suporte para uma investigação mais ampla dos fenômenos que serão analisados. As principais fontes bibliográficas dessa pesquisa serão as seguintes: *Eni Orlandi*, *Adilson Citeli*, *Walnice Galvão*, dentre outros.

Um outro recurso utilizado, é o estudo de caso, que serve de base para estudos exploratórios e descritivos. Sua importância consiste no fornecimento de respostas relativas a causa de determinados fenômenos no caso dessa pesquisa, a confluência entre discurso poético e discurso jornalístico.

A monografia consta de três capítulos. No capítulo 1 tratou-se de aspectos sobre o funcionamento da língua. Está presentes os conceitos de linguagem e funções da linguagem, assim como, de forma bem abrangente as considerações sobre discurso jornalístico e discurso poético. O capítulo 2 faz um breve relato sobre Canudos, onde são apresentados os aspectos comportamentais do povo que vivia no lugarejo em que travou-se a Guerra de Canudos, além de uma explanação sobre o quadro político da época, uma vez que a guerra além do aspecto social envolveu questões dessa natureza. Menciona-se também no capítulo 2 a figura de Antônio Conselheiro, personagem principal da obra “Os Sertões” e ainda no mesmo capítulo encontram-se considerações sobre Euclides da Cunha. No capítulo 3 faz-se uma análise de alguns trechos extraídos da obra “Os Sertões”, com objetivo de verificar a fusão do discurso jornalístico com o discurso poético. Para tanto foi abordado a estrutura dos capítulos da obra, que são: “A Terra”, “O Homem”, “A Luta” uma vez que essa divisão torna-se importante para compreensão de tal fenômeno.

Pretendeu-se, nesta monografia, comprovar que na obra “Os Sertões” de Euclides da Cunha há a fusão do discurso jornalístico com o discurso poético, ou seja, o objetivo foi verificar se Euclides da Cunha trabalha seu texto de modo a mesclar a função referencial com a função poética.

## CAPÍTULO 1

### O DISCURSO E O FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

Para analisar o fenômeno da transformação do discurso jornalístico em discurso poético em nosso objeto de estudo, o livro “ Os Sertões” de Euclides da Cunha, é necessário inicialmente tratar de alguns aspectos importantes sobre o funcionamento de nossa língua portuguesa.

Com objetivo de dar ao leitor uma visão mais ampla da língua, aborda-se nesse capítulo, os conceitos de linguagem e discurso, funções da linguagem, bem como será explanado aspectos sobre análise do discurso, discurso jornalístico e discurso literário.

Sabe-se que na evolução da espécie humana foi necessário ao homem, como forma de garantir sua própria sobrevivência desenvolver sinais, gestos para se comunicar. Esses sinais transformados, é hoje, chamado de língua. A língua é um sistema de signos, um conjunto organizado de elementos representativos. Como tal é regida por princípios organizatórios específicos, ao envolver dimensões fônicas, morfológicas, sintáticas e semânticas, sendo também uma instituição social, é a linguagem de uma sociedade.

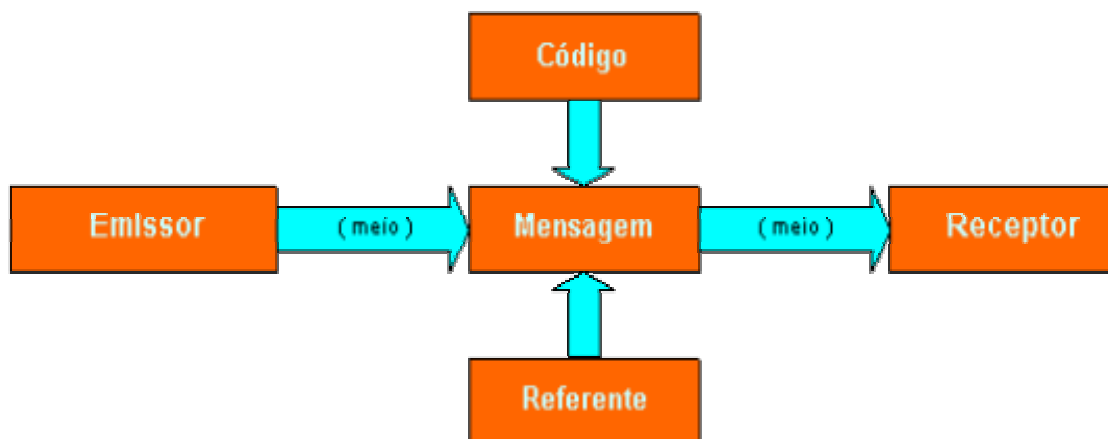
No processo de comunicação os sinais em comum, ou melhor, o código comum a todos os homens de uma mesma sociedade é a língua, que deve ser entendida como um fato social, pois funda-se nas necessidades de comunicação. Mas, o ser humano desenvolveu uma maneira própria, de se manifestar, ou seja, cada indivíduo tem uma forma criada por si mesmo para se expressar numa mesma língua. Essa competência de fazer uso da língua para expressar seus pensamentos é o que caracteriza a linguagem.

*A linguagem é a faculdade que o homem tem de expressar seus estados mentais através de um conjunto de sons vocais chamado língua que é ao mesmo tempo representativo do mundo interior e do mundo exterior (Cassirer: 1999: 15 ).*

Pode-se dizer que a linguagem é uma atividade que apresenta dois aspectos. O aspecto psíquico e um aspecto propriamente lingüístico. Isto é, deve-se ter a visão da linguagem como interação social que integra todo um ato de enunciação individual num contexto mais amplo revelando a ligação entre o lingüístico e o social.

Se a linguagem é a interação do lingüístico com o extralingüístico, da língua com o social, isso significa que é necessário considerar o contexto social no qual o indivíduo está imerso, uma vez que o falante ou escritor recorre a sua referência de mundo para produzir qualquer tipo de enunciado ou texto, Assim é que ao escrever uma palavra o percurso utilizado pelo autor desde de a elaboração mental até a exteriorização do conteúdo reflete o mundo em que ele vive.

O processo de comunicação implica fatores e funções que têm sido analisado por vários estudiosos entre eles Roman Jakobson. Esse especialista entende que a comunicação envolve, na linguagem comum, um remetente (emissor) que envia uma mensagem (referente) através de um código a um destinatário (receptor) estabelecendo assim o contato entre os interlocutores. Assim dá-se o processo conforme o esquema abaixo.



Com base nesse esquema, caracterizam-se as seis funções da linguagem. São elas: função referencial ou denotativa, função expressiva ou emotiva, função conotativa, função fática, função metalingüística e função poética.

A partir do objetivo traçado nesta monografia que diz respeito ao fenômeno da transformação do discurso jornalístico em discurso poético cujo objeto de estudo é a obra “Os sertões” de Euclides da Cunha, torna-se necessário o trabalho com apenas duas das funções de linguagem mencionadas acima. A função referencial e a função poética, uma vez que o autor utiliza esses dois recursos em sua obra, para fazer uso da língua portuguesa e relatar a guerra em Canudos.

Antes, deve-se ressaltar que o motivo da viagem à Canudos do autor da obra “Os Sertões” que é objeto de estudo dessa pesquisa diz respeito à cobertura jornalística da Guerra. A relação do fato com o que é tratado agora consiste na forma como os jornalistas escrevem seus textos. Centrados no referencial. Mas o que vem a ser então a função referencial?

Para falar sobre função referencial é necessário a explicação de dois níveis de linguagem o denotativo e o conotativo. A conotação é compreendida como “linguagem figurada”. Quando fala-se “pé da mesa” refere-se à semelhança com o signo pé que está no campo orgânico dos seres humanos e o traço que compõe a sustentação da mesa. Tem-se então uma espécie de transferência de significado onde a linguagem “figura” o objeto que sustenta a mesa, com base na similaridade do pé humano essa relação e dá entre dois signos.

Já a denotação faz uma aproximação mais direta entre o termo e o objeto. O pé do animal, do ser humano, seriam signos denotativos, caracterizando uma linguagem correlacionada a um real com o nome do objeto sem figuração ou intermediários.

A função referencial caracteriza-se pelo uso da denotação. Ao trabalhar com esse tipo de função, o indivíduo faz uso da língua com o intuito de passar uma mensagem clara, transparente, sem ambigüidade, uma vez que o objeto que está sendo mencionado corresponde exatamente à idéia que se tem dele no mundo. Geralmente no processo de comunicação do dia-a-dia, ao fazer referência de situações do cotidiano onde deseja-se relatar algum fato, a linguagem utilizada pelo emissor é sempre fundamentada no referencial, para que a mensagem a ser transmitida seja compreendida pelo ouvinte, levando-se em consideração que eles compartilham o mesmo referencial no mundo.

Com base na explicação anterior a respeito de função referencial, observa-se que Euclides da Cunha, autor da obra que é objeto de estudo dessa monografia, “Os Sertões”, trabalha sempre fazendo uso do referencial, uma vez que há a intenção de passar ao leitor a clara idéia sobre as crueldades da Guerra de Canudos, tal como aconteciam os fatos. Se o leitor já tem a referência sobre o que é uma guerra, Euclides torna-o capaz de construir em sua mente a imagem do que realmente acontecia em Canudos, através de seus relatos.

Além da função referencial Euclides da Cunha na obra “Os Sertões” objeto de estudo desse trabalho faz uso também da função poética. Nota-se que trabalhando com o referente, ou seja, com os fatos concretos da Guerra, Euclides da Cunha adiciona ao real, a emoção. O leitor sente-se tocado, comovido com a situação da guerra. Recurso poético que o autor associa os fatos, ao referencial.

Deve-se ressaltar que o fato de constar emoção na narrativa não faz com que o autor deixe de trabalhar com a função referencial. Expressar emoção não significa dizer que o objeto deixou de ser referencial.

Para uma melhor compreensão do leitor dessa monografia cujo objeto de estudo é a obra Os Sertões de Euclides da Cunha, o conceito de função poética explicar-se-á abaixo.

A função poética é aquela que se centra na própria mensagem, ou seja, é a valorização da mensagem em si mesma por si mesma. Coloca-se em evidência o lado palpável dos signos. Tudo o que numa mensagem, suplementa o sentido da mensagem através do jogo de sua estrutura, de sua tonalidade, de seu ritmo, de sua sonoridade concerne a função poética

Quando faz-se uso da função poética as palavras passam a ter uma significação original, elas compreendem o todo do texto. Se na função referencial as palavras têm seu significado baseado na referência de mundo, aqui na função poética, elas irão constituir-se num sistema fechado no qual os elementos tomam sua significação e seu valor próprio. Não se pode ler os elementos separados da mensagem sem integra-lo no conjunto do texto.

Na função poética o ritmo, a sonoridade, são dominantes e a estrutura da mensagem tem tanta importância quanto o conteúdo das informações que ela veicula. O uso da função poética por Euclides da Cunha no objeto de estudo desse trabalho, a obra “Os Sertões” é marcado por esses elementos.

Deve-se ressaltar que a seleção desses elementos vai de acordo com a intenção de Euclides da Cunha no texto, caracterizando sua maneira própria de escrever. Nessa individualidade da escrita encontra-se também o modo de pensar de Euclides da Cunha estão presentes seus ideais, seu posicionamento perante a Guerra de Canudos. Analisando mais profundamente os textos do objeto de estudo dessa monografia o livro “Os Sertões” de Euclides da Cunha, percebe-se que o autor vai sutilmente conduzindo, influenciando o leitor com seus pensamentos.

Esse exercício do poder de instaurar sentidos, modos de ser, pensar e viver, para os quais o leitor é persuadido chama-se discurso. Qualquer enunciado se transforma em discurso desde que o sujeito lhe confira individualidade para influenciar o interlocutor. A temática sobre discurso passa a ser abordada a partir de agora.

No discurso está imerso a maneira de pensar de um determinado sujeito. A partir dessa afirmação é possível relacionar o discurso a ideologia, e ainda com as condições de produção e Euclides da Cunha na narrativa do objeto de estudo desse trabalho a obra “Os Sertões”, coloca seu ponto de vista sobre a Guerra de Canudos, levando o leitor a acreditar que os homens do sertão foram vítimas das atrocidades da República, que acabava de se instaurar e que via nos sertanejos uma ameaça de derrubada de seu poder. Dessa forma

percebe-se que o relato da Guerra de Canudos é tomado pela ideologia do autor, ou seja, é seu posicionamento perante a Guerra, baseado em sua referência ideológica.

Deve-se ressaltar que a ideologia é tratada aqui como a organização de um sistema lógico e coerente de representações (idéias e valores) de normas e regras de conduta que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar, o que devem valorizar, sentir, o que devem fazer e como devem fazer para criar assim a consciência dos homens. (CHAUÍ: 1980: 113).

A formação discursiva com base na ideologia e ainda a interação entre autor e leitor, caracteriza vários tipos de discurso. Isso é o que Eni Orlandi em seu livro “Linguagem e Funcionamento”, chama de Tipologia, as diversas formas que autor tem de trabalhar, de se relacionar com leitor. (ORLANDI: 1996: 28)

São vários os tipos de discurso: o religioso, o autoritário, polêmico, mas os dois tipos que devem ser tratados aqui, uma vez que são relevantes na análise do objeto de estudo dessa monografia a obra “Os Sertões” de Euclides da Cunha, são os denominados discurso jornalístico e discurso literário. Sobre discurso jornalístico tem-se que é discurso utilizado pela imprensa de modo geral.

A imprensa tem sua origem baseada na importante função social de testemunho, cujo objetivo é transmitir notícias, relatar fatos e fornecer dados concretos ao leitor e a cobertura jornalística é a atividade informativa que faz preferência pela domínio da referencialidade. Os textos trabalhados nos jornais devem utilizar a linguagem denotativa, e transmitir com realidade e objetividade os fatos a serem narrados.

Como hoje há uma nítida preferência pelo audiovisual em oposição à escrita, o texto jornalístico tem se adaptado para não perder campo à mídia eletrônica, assim é que os textos tem que ser pequenos diretos e ainda interessantes para o leitor.

Percebe-se assim que no discurso jornalístico a preocupação e a reflexão sobre o que é essencial e o que é acidental, o ético e o estético, o formativo e o informativo o permanente e o transitório, é cada vez maior e como estas distinções são pertinentes, a comunicação jornalísticas direciona-se para o âmbito da interação social.

O discurso jornalístico caracteriza-se pelo vocabulário simples, claro e acessível, pelas frases curtas e fluentes, pela objetividade, pelo rigor do vocabulário, pelo envolvimento do leitor em fazer com que ele compreenda a mensagem, transformando-o em testemunha indireta dos fatos.

O segundo tipo de discurso o chamado de literário, necessário na análise do objeto de estudo desse trabalho a obra “Os Sertões” de Euclides da Cunha guarda íntima relação com o jornalístico uma vez que a literatura também tem função de testemunhar. Porém, existem algumas diferenças singularizadoras entre esses dois tipos de discurso. Fala-se que o foco do jornalismo é relatar fatos já a literatura por sua vez além de testemunhar envolve fatos é tratada como arte, nessa condição ela é um meio de comunicação de tipo especial e envolve uma linguagem também especial. Se no jornalismo trabalha-se a palavra centrada no referencial, na literatura a palavra ganha subjetividade sendo trabalhada no sentido figurado. Portanto, o discurso literário caracteriza-se por sua complexidade, a natureza do texto vai além da função de informar como acontece no jornalismo, para compreender o texto literário, é necessário uma análise que ultrapassa o campo da semântica, deve-se, por exemplo, ter conhecimento sobre o contexto histórico, social em que o texto foi escrito, uma vez que na obra de arte literária, revelaram-se elementos de natureza individual ou de época, que atingem espaços de universalizantes.

O texto literário é ao mesmo tempo um objeto lingüístico e um objeto estético pois é sempre a interseção de dois movimentos de sentidos opostos que envolvem, por um lado, um dobrar-se da literatura sobre si mesma num puro objeto de linguagem e por outro lado um abrir-se ao mundo interrogado na sua realidade e na sua presença essencial, movimentos contraditórios e entretanto solidários, pólos ao mesmo tempo complementares e antagonistas criadores de um campo dinâmico onde podemos compreender os aspectos do fenômeno literário.

O discurso literário, cria significantes e funda significados. Apresenta seus próprios meios de expressão, ainda que se valendo da língua, como ponto de partida. Superpostos ao da língua, o código literário, em certa medida, caracteriza alterações e mesmo oposições em relação àquele.

Euclides da Cunha no objeto de estudo desse trabalho o livro “Os Sertões” faz uso também do discurso literário já que a linguagem é trabalhada de forma especial não somente centrada no referencial. Seu texto transcende do simples relato cotidiano da Guerra de Canudos a uma denuncia repleta do poético. É com essa mescla de linguagem que surge o “Os Sertões” e assim, Euclides da Cunha de simples repórter enviado pelo jornal O Estado de São Paulo para cobertura da Guerra, se consagra em um dos maiores escritores da literatura brasileira e é sobre esse grande repórter, jornalista escritor que elabora-se a temática do segundo capítulo dessa monografia.

## CAPÍTULO 2

### A GUERRA DE CANUDOS E O FENÔMENO EUCLIDES DA CUNHA

Para compreender os motivos que levaram Euclides da Cunha a escrever o livro “Os Sertões”, objeto de estudo deste trabalho, obra que o consagrou um dos maiores escritores da literatura brasileira, faz-se necessário compreender aspectos comportamentais do povo que vivia no lugarejo onde travou-se a guerra. Deve-se também considerar o complexo quadro político da época e principalmente falar sobre o ídolo dos sertanejos cujo nome está aliado à história de Canudos. Trata-se de Antônio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro.

A obra “Os Sertões”, objeto de estudo desta monografia, é o relato de uma das maiores tragédias ocorridas no Brasil. A princípio, Canudos era uma antiga fazenda de gado situada às margens do rio Vaza Barris. A região pertencia ao imenso latifúndio da família Garcia D’Ávila e tornou-se, em pouco tempo, a segunda maior cidade da Bahia, com vinte e cinco mil habitantes, sendo superada apenas por Salvador, capital do Estado.

O crescimento espantoso do lugarejo meio ao sertão nordestino deve-se à chegada de Antônio Conselheiro e alguns de seus seguidores, em 1893, após percorrer por vinte anos os sertões cearenses, alagoanos, sergipanos e baianos.

Primeiro, construiu-se ali uma tapera que servia praticamente de pouso aos vaqueiros, originando uma intensa migração para a região. Esse deslocamento ao Belo Monte, nome com o qual Antônio Conselheiro rebatizou Canudos, chegou a gerar falta de mão-de-obra em toda região, afetando até o estado de Sergipe.

Canudos possuía uma organização social com certas peculiaridades. Havia o líder espiritual Antônio Conselheiro, pequenos comerciantes e o povo que para lá se dirigia pelas mais variadas razões, entre as quais a fuga do despotismo dos coronéis, a busca de formas alternativas de vida, a procura dos crentes pela salvação e as pendências que alguns possuíam no chamado mundo legal, aquele dominado por uma justiça que favorecia os poderosos.

O Belo Monte era um núcleo vivendo de intenso comércio que mantinha bom fluxo de mercadorias com outras cidades, em particular com Juazeiro da Bahia, explorando atividades agropastoris e vendendo couro, especialmente de bode e de cabra, animais que existiam em grandes quantidades na caatinga. Dessa forma, constituía-se a cidade que protagonizou a Guerra de Canudos, relatada no objeto de estudo desta monografia, o livro “Os Sertões”, de Euclides da Cunha.

O lugarejo cresceu e prosperou. No dizer de Honório Vilanova, antigo morador do lugar, "Grande era o Canudos do meu tempo. Quem tinha roça tratava de roça, na beira do rio. Quem tinha gado tratava do gado. Quem tinha mulher e filhos tratava da mulher e dos filhos. Quem gostava de reza ia rezar. De tudo se tratava porque a nenhum pertencia e era de todos, pequenos e grandes, na regra ensinada pelo peregrino" (ABDALA: 1997: 63)

Uma série de normas, condutas e comportamentos davam face especial a Canudos. Proibia-se a bebida, o adultério, o casamento civil a circulação de dinheiro republicano e a acumulação de bens materiais.

Nesse quadro, estava imersa a figura de Antônio Conselheiro, mencionada por Euclides da Cunha, na obra “Os Sertões”, objeto de estudo desta monografia. Um homem simples, marcado pelo ascetismo e pela austeridade ética. Vestia-se com uma túnica azul de brim americano, usava cabelos e barba longos, e punha-se na missão de dar continuidade à palavra de Deus. Auto-proclamava-se simplesmente peregrino.

Isso diferenciava Antônio Conselheiro dos padres sertanejos, que em boa parte pregavam uma coisa e faziam outra, muitos deles com família, filhos e bens pessoais. Criava-se nas populações da região uma diferença importante entre os membros oficiais da hierarquia católica e o Conselheiro, o herético que sobrevivia no limite da miséria, pregando a salvação por meio das boas ações, chamando a todos de irmãos, seus atos estavam mais ajustados aos princípios da vida religiosa.

Antônio Vicente Mendes Maciel havia cursado as primeiras letras e trabalhado, também, em atividades que exigia razoável domínio da língua portuguesa: foi caixeiro e escrivão de juiz de paz. Aprendeu os textos sagrados, sobretudo por meio do Antigo Testamento. Suas pregações afirmavam os temas da fé numa perspectiva anti-reformista, portanto condenatória da separação entre o Estado e a Igreja, que havia sido constituída com a instalação da República.

Com a recusa do Estado laico, vinha também em seu discurso a crítica ao modelo republicano, assim como a afirmação de Canudos como a terra santa, o lugar onde seria possível salvar-se do mundo corrompido pela ação do dinheiro do presidente, dos padres que perderam a fé e se aliaram aos interesses mundanos.

Pode-se dizer que Antônio Conselheiro, personagem tratado por Euclides da Cunha, autor de “Os Sertões”, objeto de estudo desta monografia, era a favor da manutenção de um espaço religioso que abrigasse os excluídos no qual fosse possível viver verdadeiramente a fé, que já não existia mais fora de Canudos.

As pregações de Conselheiro passaram a incomodar tanto o clero da região que, em 1895, uma missão religiosa comandada pelo Frei Capuchinho Evangelista do Monte Marciano tenta dispersar os moradores de Canudos, usando da autoridade da Igreja Católica. Fiel a seus sonhos, a gente canudense repele o discurso autoritário e preconceituoso do Frei Evangelista. A missão religiosa passou a receber tratamento hostil, tendo que deixar prematuramente o arraial. Ficava claro que, a partir de então, providências teriam que ser tomadas, no sentido de destruir o lugarejo uma vez que o modo fraterno e igualitário de vida em Canudos estava em desacordo com os interesse da Igreja Católica.

Conselheiro, desejava, enfim, aguardar o juízo final que proporcionaria aos irmãos a redenção definitiva. Numa palavra, Canudos fundia certos traços, característicos dos lugares de espera messiânica com as naturais intercorrências do dramático quadro histórico-social que marcava o nordeste brasileiro no final do século XIX.

Na época em que o objeto de estudo deste trabalho, o livro “Os Sertões, foi escrito por Euclides da Cunha o quadro político do país era o seguinte: passava-se da Monarquia para República. Saía o Imperador e surgia o Presidente da República. O país passou a ser governado por barões mineiros e paulistas. Na Bahia, os latifundiários lutam pelo Governo do Estado. Vianistas e Gonçalvistas ambicionam o domínio político do território baiano.

Enquanto os ricos e poderosos se desentendem, o povo trabalha e sofre. Nas cidades e, especialmente no campo, a vida se torna cada vez mais dura. No sertão a seca mata as criações, as plantações e tange o trabalhador de suas roças e casas. A fome rouba a esperança e leva vidas. Antonio Conselheiro, sensível e indignado, enfrenta a República, os poderes politiquieiros e corruptos, a Igreja Católica e os exploradores do povo. Ergue sua voz contra as injustiças, une sua gente e combate a política baiana. Por isso dá-se o início da perseguição a Conselheiro e seus seguidores, relatada na obra “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, objeto de estudo deste trabalho.

Dentro das perspectivas políticas, em 1896 o juiz Arlindo Leoni, de Juazeiro, solicita ao Governo Estadual o envio de tropas para Canudos, alegando que o povo de Conselheiro poderia invadir a cidade. Era a senha necessária para o uso inevitável da força. Em 07 de novembro de 1896, sob o comando do tenente Manoel da Silva Pires Ferreira, chega a Juazeiro a primeira expedição militar contra Canudos. Sangrentos combates, lances de heroísmo e discutível astúcia militar permitiram a resistência dos canudenses por quatro combates com os soldados da República, todos relatados no objeto de estudo deste trabalho, o livro “Os Sertões” de Euclides da Cunha.

O último ataque a Canudos, denominado quarta expedição, cujos preparativos tiveram início em Março de 1897, durou oito meses e teve por comandante o general Artur Oscar de Andrade Guimarães. Houve mobilização nacional. Soldados do Rio Grande do Sul ao Amazonas receberam convocação para comporem as tropas. Foram cerca de dez mil homens, equipamentos modernos, canhões, enfim, tudo o que a engenharia de guerra possuía de mais moderno.

A luta, que estava programada para ser resolvida rapidamente, contada por Euclides da Cunha no livro “Os Sertões”, objeto de estudo desta monografia, durou vários meses. Cercados nos morros que circundavam Canudos, tendo o contato entre vanguarda e retaguarda bloqueado pelos sertanejos, os militares estiveram a ponto de sofrer nova derrota por volta do mês de julho. O general Artur Oscar viu-se obrigado a pedir novos reforços para continuar a Guerra.

O prosseguimento dos combates, o cerco total promovido pelo exército, e o total isolamento dos conselheiristas, com o conseqüente agravamento do quadro de fome e doenças, precipitaram a inevitável derrota. Em 05 de outubro de 1897 o conflito foi dado por terminado. No dia 06 acabaram por destruir o lugarejo desmanchando as 5.200 casas, que foram cuidadosamente contadas. Dos quase vinte mil canudenses, afora alguns velhos e crianças, os demais foram mortos.

É dentro desse contexto que surge o livro “Os Sertões”, objeto de estudo deste trabalho. Euclides da Cunha foi enviado ao local dos acontecimentos pelo jornal “O Estado de São Paulo”, com a missão de relatar a guerra. O autor era o que pode-se dizer de repórter ideal, uma vez que suas habilidades não limitava-se somente ao jornalismo. Ele tinha conhecimentos militares, pois havia sido tenente reformado e mesmo não dando prosseguimento à sua carreira militar, a experiência caracterizou-o como repórter especializado.

Deve-se ressaltar a importância dos jornais na época em que foi escrito o objeto de estudo deste trabalho, a obra “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, uma vez que os diários representavam o mais eficiente meio de comunicação e por ser o veículo de massa por excelência o jornal dessa época acolhia em suas páginas material variadíssimo que hoje encontra-se disperso em outros veículos. De tudo passava nas páginas dos jornais, fosse bom ruim. Eram freqüentes os contos, os poemas, as crônicas escritas por grandes nomes da literatura brasileira como José de Alencar e Machado de Assis, e ainda incidentes, intrigas e até mesmo conspirações, tudo dentro do estilo parnasiano-naturalista-positivista-patriótico.

Euclides da Cunha também é adepto do estilo positivista que caracteriza-se por ser uma doutrina científica e industrial cujo objetivo é incrementar o progresso do bem-estar moral, intelectual e material de em toda sociedade era também patriótico, e antes de presenciar a Guerra de Canudos defendia da República, o que significava não apenas o repúdio às formas autoritárias do Império, mas também a abolição da escravatura, relações de trabalho mais honestas, enfim, uma renovação radical da sociedade.

Com esse ponto de vista sobre a República, Euclides da Cunha, autor do objeto de estudo deste trabalho, o livro “Os Sertões”, parte para Canudos. Nota-se nos seus primeiros artigos enviados ao jornal O Estado de São Paulo o repúdio a Antônio Conselheiro, aliás, esse era o posicionamento de toda a imprensa da época. O líder de Canudos era mencionado como o agente da Monarquia ou anti-republicano. Os textos mostram também o preconceito contra os chamados pejorativamente de “jagunços”. Quando já encontrava-se junto à frente de batalha do exército republicano, Euclides da Cunha mantinha sua opinião sobre Conselheiro de que havia um complô contra a recém instaurada República. O que fala-se aqui pode ser explicitado no trecho abaixo escrito pelo próprio autor.

*“O general Artur Oscar, restabelecido agora de ligeira enfermidade, acaba de mostrar-me alguns tipos de balas caídas nos tiroteios da noite. São de aço, semelhantes às dos Mannlichers, algumas outras completamente desconhecidas. São inegavelmente projéteis de armas modernas que não possuímos.*

*Como as possuem os jagunços?*

*Estou aqui há quinze dias e há quinze dias que quase sem interrupção, os fanáticos replicam vigorosamente em tiroteios cerrados, a qualquer ataque, repilo de todo a idéia de que se utilizam ainda das munições tomadas às expedições. Sou levado a acreditar que tem raízes mais fundas esta conflagração lamentável dos sertões. (CUNHA: 1966: 557)*

Essa idéia que Euclides da Cunha tinha dos sertanejos acaba se transformando, quando ele começa a ter mais contato com os “jagunços” isso lhe conferiu capacidade de reavaliar suas convicções. O autor passa a ver Canudos sob outra dimensão, contraria aquela que era relatada nos jornais. O testemunho da crueldade e da violência praticadas contra o Belo Monte, a verificação da falta de sentido em se fuzilar e degolar prisioneiros, o espanto com a carnificina, o genocídio, a insensibilidade do governo para reconhecer as particularidades de um mundo marcado pela fome e pela miséria são os fatores que levaram Euclides da Cunha a mudar seu posicionamento sobre o que acontecia em Canudos.

O livro “Os Sertões”, objeto de estudo deste trabalho, é na verdade o reflexo desse novo posicionamento de Euclides da Cunha, ao retornar de Canudos, ele começa a reelaborar suas matérias, produzindo uma nova interpretação, diferente do que foi publicado no jornal “O Estado de São Paulo” introduzindo outras observações que antes não haviam sido mencionadas, seu lado ético e seu caráter de homem de bem o conduz a um levantar de bandeira em defesa dos sertanejos. Euclides se coloca totalmente a favor dos seguidores de Conselheiro. O resultado desse trabalho é a publicação de “Os Sertões” cujo sucesso foi imediato.

A obra “Os Sertões” consagrou Euclides da Cunha em um dos renomados escritores da literatura brasileira conferindo-lhe até mesmo o título de membro da Academia Brasileira de Letras e conseqüentemente transformando-lhe em imortal. Isto porque é em suas denúncias, em seus relatos, encontra-se a memória da Guerra de Canudos, fato não realizado por nenhum outro jornalista, repórter, ou qualquer pessoa que tivesse testemunhado todas as crueldades ocorridas naquele lugarejo.

Pode-se dizer que o autor do objeto de estudo deste trabalho foi responsável pelo descobrimento de um novo sertão, aquele que não havia sido relatado até a publicação de sua obra, um sertão de pobres, miseráveis, excluídos, de povo sofrido, castigado pela seca, que vivia em péssimas condições. Tanto é que o sertanejo só encontra respeito nacional depois de seus relatos. O que fala-se aqui, fica caracterizado em sua clássica expressão “O sertanejo é antes de tudo um forte”.

Se aos olhos da Pátria, Canudos representava o atraso ou mesmo a anticivilização que abalava as estruturas da recém instalada República, Euclides da Cunha leva a crer em seus relatos que a República só se concretizou nos sertões através de matanças e ainda deixou ao Exército uma herança duplamente maldita: a vergonha pelas derrotas nas três batalhas travadas com os seguidores de Conselheiro e a consciência culpada pelos exageros da vitória final contra os sertanejos.

Com os relatos dramáticos da Guerra de Canudo, Euclides da Cunha autor do objeto de estudo deste trabalho o livro “Os Sertões”, forçou o país a encarar o seu próprio rosto. Aquilo que se via no Monte Belo era na verdade a imagem do próprio Brasil que ficava escondido no interior, era a imagem do descaso por parte do governo. Além disso, a força crítica e denunciadora presente no texto, a minuciosa descrição do massacre, instaurou a perplexidade e fez que os juízos sobre Canudos e os sertanejos fossem revistos.

O protesto de Euclides da Cunha representa muito para literatura brasileira uma vez que imortalizou a Guerra de Canudos, ao relatar de forma poética a matança e as atrocidades cometidas pela República naquela época. A importância e o significado de “Os Sertões” é de dimensão incalculável. As questões relacionadas ao sertão nordestino, foi e continua sendo, motivo de vergonha para todos os brasileiros, pois pouco ou nada se fez na região.

Torna-se merecido a denominação de Euclides da Cunha como imortal, sua obra clássica, deve sim estar junta aos outros clássicos uma vez que sua temática envolve além das denúncias da Guerra de Canudos os aspectos sociais e o comportamento da sociedade

da época. Seu proceder literário é uma das interpretações mais corajosas que já se fez nesse país. Era necessário, alguém com tamanha inteligência e integridade, para converter o genocídio, a matança em algo sublime, em poesia. É sobre esse ato de transformar a tragédia, o horror da guerra em poesia que elabora-se a temática do próximo capítulo desta monografia.

## CAPÍTULO 3

### A FUSÃO DO DISCURSO JORNALÍSTICO COM O DISCURSO POÉTICO NA OBRA “OS SERTÕES”

A estrutura do livro “Os Sertões” de Euclides da Cunha, objeto de estudo desta monografia, é composta por três partes integradas que compõe a obra. São elas: “A Terra”, “O Homem”, “A Luta”.

Euclides da Cunha utiliza essa organização partindo do suposto que para compreender o que acontecia em Canudos era necessário considerar o cruzamento dos fatores ambientais, geográficos (a terra), os aspectos antropológicos que caracterizam o sertanejo (O homem), e ainda, as circunstâncias históricas, culturais, sociais que acabaram por gerar a guerra, (a Luta), relatada no objeto de estudo deste trabalho, o livro “ Os Sertões”.

Deve-se aqui trabalhar esses elementos de forma mais abrangente, pois dentro dessa estrutura encontram-se os textos que abordam a problemática desta monografia, que diz respeito à transformação do discurso jornalístico em poético e assim, é possível ainda compreender como foi construído o mundo sertanejo.

Os elementos da narrativa serão tratados aqui, na mesma seqüência em que eles encontram-se na obra “Os Sertões” assim a primeira abordagem será sobre “A Terra”.

Nesta parte do livro, Euclides da Cunha faz um relato sobre a geografia e as condições ambientais do sertão. É narrado, ao leitor, a paisagem torturada pelas diferenças climáticas que transformam a terra num solo árido. Essa aridez, dá ao sertão, a aparência de selvagem, onde predomina a vegetação agreste de caatingas, mandacarus solos pedregoso e sol intenso. Sobre as condições climáticas o autor faz uma comparação entre o sertão e o deserto por ser quente de dia e frio à noite.

No trecho abaixo extraído do objeto de estudo desta monografia o livro “Os Sertões” de Euclides da Cunha, percebe-se a minuciosa descrição que o autor faz da região nordestina que ele mesmo denomina de Primeiras Impressões:

*É uma paragem impressionadora.*

*As condições estruturais da terra lá se vincularam a violência máxima dos agentes exteriores para o desenho de relevos estupendos. O regime torrencial dos climas excessivos, sobrevindo de súbito depois das insolações demoradas e embatendo naqueles pendores, expôs há muito, arrebatando-lhes para longe todos os elementos degradados, as séries mais antigas daqueles últimos rebentos da montanhas todas as variedades cristalinas, e os quartzitos ásperos, e as filades e calcários, revezando-se ou entrelaçando-se, repontando duramente a cada passo, mal cobertos por uma flora tolhiça – dispondo-se em cenários em que ressalta, predominantemente, o aspecto atormentado das paisagens. (CUNHA: 2002: 31)*

A abordagem que Euclides da Cunha faz sobre a terra sertaneja é uma vasta coleta de dados da região com base nos conhecimentos científicos do autor, adquiridos com sua formação acadêmica de engenheiro civil. Pode-se dizer que é o resultado de seu espírito cientificista, positivista mencionado no capítulo anterior desta monografia.

Dentro do contexto das caatingas, do clima árido, das altas temperaturas, do sertão, está inserido o homem sertanejo elemento da segunda parte da obra “Os Sertões” de Euclides da Cunha, objeto de estudo desta monografia.

O autor da obra “Os Sertões” inicia a narrativa do capítulo “O Homem” baseando-se em um conjunto de teorias científicas sobre a composição da raça humana. O princípio orientador de tais concepções é o de que a história da humanidade se faz pelo domínio das raças fortes sobre as fracas. É também abordado por Euclides da Cunha, a miscigenação de negros portugueses, índios, onde do resultado desse múltiplo cruzamento surge o sertanejo.

Dessa forma Euclides da Cunha configura o homem sertanejo como um forte, alguém forjado nas adversidades, marcado por uma longa convivência com as tragédias naturais, apto a resistir as oscilações do clima, da falta de água da paisagem agreste.

No trecho abaixo, fica caracterizado essa idéia, quando o autor descreve O Sertanejo.

*O sertanejo é antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. (CUNHA: 2002: 115)*

Euclides da Cunha, autor do livro “Os Sertões”, objeto de estudo deste trabalho, revela que o sertanejo de Canudos é um homem isolado perdido nas caatingas, longe das cidades e de seu modo de vida, que não teve contato com a cultura e com os progressos da cidade grande e ainda assim é um forte, forte por resistir às adversidades encontradas em seu meio como o abandono, a miséria e a dificuldade para comer e beber.

No capítulo “O Homem” Euclides da Cunha, explora a sociedade de Canudos mostrando o modo de vida e o comportamento do homem do lugarejo onde travou-se a Guerra de Canudos e também aborda a questão da religião que diz respeito ao motivo central da batalha. É aonde, encontra-se a figura de Antônio Conselheiro. Percebe-se em um determinado momento da narrativa, a transposição da temática das ciências naturais trabalhadas no início do capítulo para os estudos da sociedade e da cultura.

Sobre a religião o que Euclides da Cunha mostra ao leitor de “Os Sertões” objeto de estudo desta monografia é que apesar do homem sertanejo encontrar-se dentro de um ambiente de dificuldade geral causado pelos aspectos geográficos e climáticos e ainda de isolamento total, a sua fé é também um ponto forte.

O autor ao constatar a existência em Canudos de um modo de vida fortemente marcado pelo elemento religioso, Euclides da Cunha relata as práticas religiosas exercidas por Antônio Conselheiro como sendo o produto do abandono social e da presença do catolicismo mal compreendido. Conselheiro desperta em seus seguidores uma fé que segundo ele era necessária para a salvação. Esse resultado foi obtido com a união dos indivíduos desejosos em construir um mundo diferente sem pecado, sem vícios e sem corrupção. Conforme foi mencionado no capítulo anterior deste trabalho, para Conselheiro esse mundo não existia fora do Monte Belo.

As práticas de Antônio Conselheiro são relatadas por Euclides da Cunha no capítulo “O Homem” da obra “Os Sertões”, objeto de estudo desta monografia. Conselheiro era o líder espiritual representava o ponto máximo da hierarquia de poder em Canudos, dedicava-se as suas obras e pregações, servindo como modelo de comportamento e ditando os preceitos morais exigidos em Monte Belo.

Encontra-se também no capítulo “O Homem” do objeto de estudo desta monografia, a obra “Os Sertões” de Euclides da Cunha o relato sobre a cidade de Canudos e o Belo Monte nada mais é do que o lugar onde se reuniam um aglomerado de homens nordestinos,

denominados neste trabalho, como sertanejos, que esperavam a chegada do salvador para a redenção final, dirigida por um profeta que proclamava a salvação pela fé.

Na medida em que a história vai sendo contada, Euclides da Cunha progressivamente torna a cidade de Canudos em um símbolo de força, onde reside lutadores incansáveis, que jamais poderiam ter recebido da República o tratamento que lhes foi conferido.

*Decididamente era indispensável que a campanha de Canudos tivesse um objetivo superior a função estúpida e bem pouco gloriosa de destruir um povoado dos sertões. Havia um inimigo mais sério, a combater em guerra mais demorada e digna. Toda aquela campanha seria um crime inútil e bárbaro, se não se aproveitasse os caminhos abertos à artilharia para uma propaganda tenaz, contínua e persistente, visando trazer para o nosso tempo e incorporar à nossa existência aqueles rudes compatriotas retardatários. (Cunha: 2002: 315)*

A última parte do livro “Os Sertões” de Euclides da Cunha, objeto de estudo desta monografia diz respeito ao capítulo “A Luta”. O autor dedica-se a mostrar as várias expedições do exército contra Canudos e a conseqüente resistência sertaneja. É o momento em que as ações humanas ganham papel central.

Acrescenta-se ao texto com intensidade a dramaticidade que se transforma numa sucessão de eventos nos quais se misturam a coragem, a violência e a barbárie da guerra.

No capítulo “A Luta” Euclides da Cunha relata com mais ênfase a quarta expedição, comandada por Artur Oscar, fazendo um balanço dos erros táticos cometidos pelos oficiais do exército, descrevendo os problemas de abastecimento, da falta de mobilidade e adaptabilidade às condições do terreno etc. Ao mesmo tempo, o autor, destaca a determinação e a coragem dos sertanejos.

Euclides da Cunha, autor do objeto de estudo desta monografia a obra “Os Sertões” relata no final da obra os últimos dias da Guerra, tal como aconteciam os fatos em Canudos. O povo de Conselheiro resistiu o quanto pode. Cercados, dinamitados, bombardeados, doentes, famintos, os sertanejos a cada vez que pareciam batidos ressurgiam como mortos – vivos.

Na descrição do ataque final das forças oficiais, Euclides da Cunha, passa ao leitor da obra “Os Sertões”, objeto de estudo deste trabalho a dimensão do que foi o genocídio, a brutalidade, a infinita capacidade humana para a destruição.

*Sabia-se de uma coisa única: Os jagunços não poderiam resistir por muitas horas. Alguns soldados se haviam abeirado do último reduto e colhido de um lance a situação dos adversários. Era incrível numa cava quadrangular, de pouco mais de metro de fundo, ao lado da igreja nova, uns vinte lutadores esfomeados e rotos, medonhos de ver-se, predispunham a um suicídio formidável. Chamou-se aquilo “O hospital de sangue” dos jagunços. Era um túmulo. De feito, lá estavam, em maior número, os mortos, alguns de muitos dias, enfileirados ao longo das quatro bordas da escavação e formando o quadrado dentro qual uma dúzia de moribundos....(CUNHA: 2002:531).*

*Mas eram terríveis lances, obscuros para todo o sempre. Raro tornavam os que os faziam para todo o sempre. Raro tornavam os que os faziam. Apuravam-se sobre o fosso e sopeava-lhes o arrojo do horror, de um quadro onde a realidade tangível de uma trincheira de mortos argamassada de sangue e esvurmando pus, vencia todos os exageros da idealização mais ousada. (CUNHA:2002:532)*

É com os textos da obra “Os Sertões” de Euclides da Cunha, cuja a estrutura dos capítulos “A Terra”, “O Homem”, “A Luta”, acaba de ser apresentadas, encontra-se

elaborada a problemática desta monografia, que diz respeito a transformação do discurso jornalístico em poético.

Torna-se necessário, esclarecer que considera-se aqui como transformação do discurso jornalístico em poético o fato de Euclides da Cunha trabalhar com a função referencial mesclada à função poética, ou seja, para relatar os acontecimentos da Guerra de Canudos, o autor faz uso do referencial que dá ao texto objetividade e clareza dos fatos, juntamente com os elementos da linguagem poética como a subjetividade que caracterizam a poesia. Ainda sobre discurso mostrou-se no capítulo 1 desta monografia que é o ato de conferir individualidade em um texto ou enunciado para influenciar o interlocutor.

Mas como pôde Euclides da Cunha contar uma história com objetividade (discurso jornalístico) e também ser subjetivo (discurso poético)? É justamente essa a problemática desta monografia cujo objeto de estudo é o livro “Os Sertões”.

Acontece que do ponto de vista do discurso jornalístico o autor trabalha com a clareza dos fatos e a objetividade nos textos, a função referencial é tão bem elaborada que na intenção de passar a clara idéia do que era Guerra de Canudos, Euclides da Cunha informa o leitor, detalhando-lhe os fatos, fazendo com que ele elabore mentalmente as cenas da Guerra, tornando-o em testemunha indireta dos fatos. Enquanto isso, do lado do discurso poético, nota-se a subjetividade no seguinte aspecto. O relato dos fatos vai além da simples função de informar. Após definir para o leitor o referencial de guerra e do que acontecia em Canudos, através do discurso jornalístico, Euclides da Cunha envolve o leitor dentro do contexto histórico e social da Guerra de Canudo através de elementos individuais, característicos do próprio escritor que atingem espaços universalizantes. Deve-se mencionar que a literatura trabalha exatamente com os aspectos históricos e sociais de uma sociedade. Assim, pode-se dizer que o autor atinge a união dos dois discursos.

Nos trechos que se seguem extraídos do objeto de estudo desta monografia a obra “Os Sertões” de Euclides da Cunha é mostrado a fusão desses dois tipos de discurso (poético e jornalístico).

No Capítulo “A Terra” e no capítulo “O Homem” percebe-se que Euclides da Cunha relata como é o sertão configurando o contexto histórico. Do ponto de vista social, o autor dá a dimensão de como se vive no sertão. Isso é o que tratou-se acima sobre contexto histórico e social que caracteriza a função poética. Mostra-se abaixo que acabou-se de mencionar:

*“ Despontam vivendas pobres; algumas desertas pela retirada dos vaqueiros que a seca espavoriu; em ruínas, outras agravando todas, no aspecto paupérrimo, o traço melancólico das paisagens....” (CUNHA:2002:31)*

*“Envolto então nos trajes característicos, os sertanejos encourados erguem a choupana de pau-a-pique à borda das cacimbas rapidamente, como se armassem e entregam-se, abnegados à servidão que não avaliam.(CUNHA:2002:122)*

Nos trechos acima o Euclides da Cunha mostra as condições precárias em que vivia o homem do sertão.

*“.....Transcende a sua situação rudimentar, resignado e tenaz com a placabilidade superior dos fortes encara de fito a fatalidade incoercível e reage. O heroísmo tem nos sertões,para todo o sempre perdido tragédias espantosas. Não há revivê-las ou episódias. Surgem uma luta que ninguém descreve - a insurreição da terra contra o homem”. (CUNHA:2002:132)*

*“Porque o que estas denunciam – no enterroado do chão, no dismantelo dos cerros quase desnudos, no contorcido dos leitos secos dos ribeirões efêmeros, no constricto das gargantas e no quase convulsivo de uma flora decídua embaralhada em esgalhos – é de algum modo o martírio da terra, brutalmente golpeada pelos elementos variáveis distribuídos por todas as modalidades climáticas” (CUNHA:2002:32)*

Pode-se dizer que acima ao falar ainda das condições precárias do sertão e de relatar o problema da seca Euclides da Cunha, autor do objeto de estudo desta monografia o livro “Os Sertões” retrata a condição social do homem sertanejo, já que ele é vítima dos maltratos da terra, e do problema histórico da seca. Caracteriza-se assim, o discurso poético na obra.

Referente ao discurso jornalístico, nos exemplos abaixo encontra-se a objetividade mencionada anteriormente, através da descrição dos fatos da Guerra de Canudos.

*“A multidão aproximou-se, tudo o indicava, até beirar a linha de sentinelas avançadas. E despertou-as. Os Vedetas estremunhando. Os Vedetas, surpresos, dispararam, à toa, as carabinas e refluíram precipitadamente para a praça que ficava a retaguarda, deixando em poder dos agressores um companheiro esposteado a faca. Foi então, o alarma: Soldados correndo estonteadamente pelo largo e pelas ruas saindo seminus, pelas portas; saltando pelas janelas vestindo-se às carreiras e às encontropadas.....(CUNHA: 2002:214).*

*“Adiante atordoava-se assonância indescritível de gritos, lamentos, choros e imprecações, refletindo do mesmo passo o espanto a dor, o exaspero e a cólera da multidão torturada que rugia e chorava. Via-se indistinto entre luaréus um convulsivo pervagar de sombras: mulheres fugindo dos habitáculos em fogo, carregando ou arrastando crianças, e estranhando-se, às carreiras no mais fundo do casario: Vultos desorientados fugindo ao acaso para toda banda, vultos escabujando por terra, vestes presas das chamas ardendo, corpos esturrados, estupendo, esparsos .....”. (CUNHA:2002: 521)*

Percebe-se que o autor trabalha os fatos com clareza, ao ponto de não poupar o leitor nos detalhes.

No trecho abaixo, extraído do objeto de estudo desta monografia, o livro “Os Sertões” de Euclides da Cunha nota-se realmente a fusão dos dois discursos. O autor detalha a prisão de alguns jagunços fazendo uso do referencial onde, é colocado, todos os detalhes dessa prisão (discurso jornalístico) e na imagem de uma velha é retratado ao leitor a figura sofrida do sertanejo e na imagem da criança o sofrimento e as crueldades que a guerra causou naquele povo (testemunho literário com poética).

*“Alguns enfermos graves vinham carregados. Caídos logo aos primeiros passos, passavam, suspensos pelas pernas e pelos braços, entre quatro praças. Não gemiam, não estortegavam, lá se iam imóveis e mudos, olhos muito abertos e muito fixos, feito mortos. Aos lados, desorientadamente, procurando os pais que ali estavam entre os bandos ou lá embaixo mortos, adolescentes franzinos, chorando, clamando, correndo. Os menores vinham às costas dos soldados agarrados às grenhas despendeadas a três meses daqueles valentes que havia meia hora ainda jogavam a vida nas trincheiras e ali estavam, agora, resolvendo desastrosamente, canhestras, amas-secas, o problemas difícil de carregar uma criança. Uma megera assustadora, bruxa rebarbativa e magra – a velha mais hedionda talvez deste sertão – a única que a levantava a cabeça espalhando sobre os espectadores, como faúlhas, olhares ameaçadores; e nervosa e agitante, ágil apesar da idade, tendo sobre as espáduas de todo despidas, emaranhados, os cabelos brancos e cheios de terra –*

*rompia, em andar sacudindo, pelos grupos miserandos, atraindo atenção geral. Tinha nos braços finos uma menina, neta, bisneta, tataraneta talvez. E essa criança horrorizava. A sua face esquerda fora arrancada havia tempos, por um estilhaço de granada; de sorte que os ossos dos maxilares se destacavam alvíssimos, entre os bordos vermelhos da ferida já cicatrizada... A face direita sorria e era apavorante aquele riso incompleto e dolorosíssimo aformoseando uma face e extinguindo repetinamente na outra, no vácuo de um gilvaz.*

*Aquela velha carregava a criação mais monstruosa da campanha...*

*...do ajuntamento miserando partiam pedidos flébeis e lamurientos, de esmola... devoravam-na a fome e a sede de muitos dias.” (CUNHA: 2002: 530)*

No último trecho extraído do objeto de estudo desta monografia a obra “Os Sertões” de Euclides da Cunha, também é possível comprovar essa mescla do referencial com o poético. Nesta passagem, percebe-se o uso de recursos literários como o ritmo, a aliteração, que caracterizam a poética na obra, além disso, a minuciosa descrição da procissão marca a função referencial.

#### *Procissão dos jiraus*

*Naquele mesmo dia, à tarde, animaram-se de novo as encostas do Cambaio. O fragor dos combates, porém, trocara-se pela assonância das litanias melancólicas. Lentamente, caminhando para Canudos, extensa procissão derivava pelas serras. Os crentes substituíam os trabalhadores e volviam para o arraial, carregando aos ombros, em toscos pálios de jiraus de paus roliços amarrados com cipós, os cadáveres dos mártires da fé.*

*O dia fora despendido na lúgubre pesquisa, a que se dedicara a população inteira. Haviam-se esquadrinhado todas as anfractuosidades, e todos os dédalos rasgados entre pedras, e todos os algares fundos, e todas as taliscas apertadas...*

*Muitos lutadores ao baquearem pelas ladeiras, em resvalos, tinham caído em barrocais e grotas; outros, mal seguros pelas arestas pontiagudas das rochas atravessando-lhes as vestes, balouçavam-se sobre abismos; e, descendo às grotas profundas, e alando-se aos vértices dos fraguedos abruptos, colhiam-nos os companheiros compassivos.*

*À tarde ultimava-se a missão piedosa.*

*Faltavam poucos, os que a tropa queimara.*

*O fúnebre cortejo seguia agora para Canudos...*

*Muito baixo no horizonte, o sol descia vagorosamente, tangenciando com o limbo rutilante o extremo das chapadas remotas, e o seu último clarão, a cavaleiro das sombras, que já se adunavam nas baixadas, caía sobre o dorso da montanha... Aclarou-o por momentos. Iluminou, fugaz, o préstito, que seguia à cadência das rezas. Deslizou, insensivelmente, subindo, à medida que lentamente ascendiam as sombras, até ao alto, onde os seus últimos raios cintilaram nos píncaros altaneiros. Estes fulguravam por instantes, como enormes círios, prestes acesos, prestes apagados, bruxuleando na meia luz do crepúsculo.*

*Brilharam as primeiras estrelas. Rutilando na altura, a cruz resplandesciente de Órion alevantava-se sobre os sertões. (CUNHA: 2002:258)*

Após as citações acima extraídas do objeto de estudo desta monografia, o livro “Os Sertões” de Euclides da Cunha, pode-se dizer que a problemática deste trabalho foi comprovada uma vez que o objetivo era mostrar a união que o autor faz da função referencial com a função poética, o que dá a obra um toque refinado e a caracteriza em um dos clássicos da literatura brasileira

## CONCLUSÃO

A problemática desta monografia que diz respeito à fusão do discurso jornalístico com o discurso poético, cujo objeto de estudo é o livro “Os Sertões” de Euclides da Cunha, foi resolvida após análise de alguns trechos extraídos da obra, no qual provou-se que realmente há a união dos dois tipos de discurso.

Ao relatar a tragédia da Guerra de Canudos, onde é mostrado o genocídio, a matança dos jagunços com clareza e objetividade, e ao inserir o leitor dentro do contexto social da Guerra, o autor mescla a função referencial (utilizada no discurso jornalístico) com a função poética (utilizada no discurso poético).

Pode-se dizer que um dos aspectos que consagra a obra “Os Sertões” de Euclides, objeto de estudo deste monografia, em um clássico da literatura brasileira é a característica do texto. O autor elabora seus relatos de forma muito especial, fazendo a união do discurso jornalístico com o discurso poético.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA, Benjamim e ALEXANDER, Isabel, *Canudos Palavra de Deus Sonho da Terra*, São Paulo: Editora Senac, 1997.

CASTRO, Gustavo e GALENO, Alex, *Jornalismo e Literatura – A sedução da palavra*, São Paulo: Editora Escrituras, 2002.

CHALHUB, Samira, *Funções da linguagem*. São Paulo: 11º ed., Editora Ática 2000.

CITELLI Adilson, *Roteiro de Leitura de O Sertões*, São Paulo: 3º ed., Editora Ática, 2001.

CUNHA, Euclides da, *Os Sertões*, São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.

GALVÃO, Walnice, *Euclides da Cunha – História*, São Paulo: 2º ed., Editora Ática, 1984.

GALVÃO, Walnice, *No Calor da Hora – Ensaios*, São Paulo: 3º ed., Editora Ática, 1994.

LAGE, Nilson, *Linguagem jornalística*, São Paulo: 7º ed., Editora Ática 1999.

NAGAMINE, Helena H. *Introdução a análise do discurso*. São Paulo: 7º ed., Editora da Unicamp, 1999.

ORLANDI, Eni. *A linguagem e seu funcionamento – As formas do discurso*. São Paulo: 4º ed., Editora Pontes, 1996.

PROENÇA, Domício, *A linguagem literária*, São Paulo: 7º ed., Editora Ática 1999.

VANOYE, Francis. *Usos da Linguagem – Problemas e Técnicas*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.